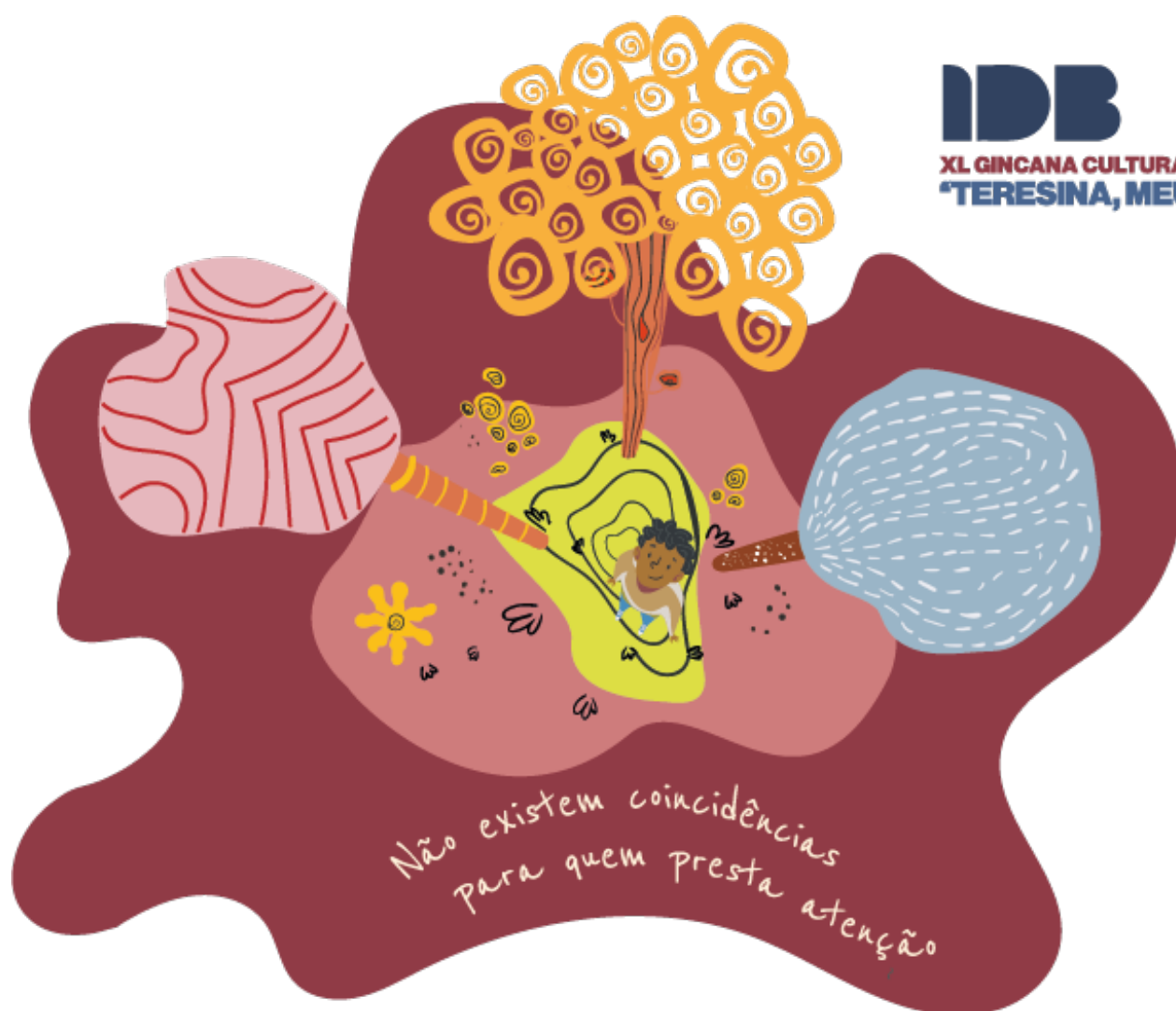


IDB
XL GINCANA CULTURAL
"TERESINA, MEU AMOR"



Não existem coincidências
para quem presta atenção



XL Gincana Cultural “Teresina, meu amor”

Não existem coincidências para quem presta atenção

Imaginem Francisco de Assis, sim ele mesmo, entrando aqui na quadra neste instante. **O que ele nos diria? Difícil de acertar, mas gosto de imaginar que, com doçura e firmeza, ele nos recitaria o seu cântico das criaturas:**

*Altíssimo, onipotente, bom Senhor,
Teus são o louvor, a glória, a honra
E toda a benção.*

*Só a ti, Altíssimo, são devidos;
E homem algum é digno
De te mencionar.*

*Louvado sejas, meu Senhor,
Com todas as tuas criaturas,
Especialmente o Senhor Irmão Sol,
Que clareia o dia
E com sua luz nos alumia.*

*E ele é belo e radiante
Com grande esplendor:
De ti, Altíssimo é a imagem.
Louvado sejas, meu Senhor,
Pela irmã Lua e as Estrelas,
Que no céu formaste claras
E preciosas e belas.*

*Louvado sejas, meu Senhor,
Pelo irmão Vento,*

*Pelo ar, ou nublado
Ou sereno, e todo o tempo
Pela qual às tuas criaturas dás
sustento.*

*Louvado sejas, meu Senhor,
Pela irmã Água,
Que é mui útil e humilde
E preciosa e casta.*

*Louvado sejas, meu Senhor,
Pelo irmão Fogo
Pelo qual iluminas a noite
E ele é belo e jucundo
E vigoroso e forte.*

*Louvado sejas, meu Senhor,
Por nossa irmã a mãe Terra
Que nos sustenta e governa,
E produz frutos diversos
E coloridas flores e ervas.*

*Louvado sejas, meu Senhor,
Pelos que perdoam por teu amor,*



*E suportam enfermidades e
tribulações.
Bem-aventurados os que sustentam
a paz,
Que por ti, Altíssimo, serão
coroados.
Louvado sejas, meu Senhor,
Por nossa irmã a Morte corporal,
Da qual homem algum pode
escapar.
Ai dos que morrerem em pecado
mortal!*

*Felizes os que ela achar
Conformes á tua santíssima
vontade,
Porque a morte segunda não lhes
fará mal!
Louvai e bendizei a meu Senhor,
E dai-lhe graças,
E servi-o com grande humildade*
(São Francisco de Assis)

Imaginem que, ouvindo São Francisco, logo depois viria ao nosso encontro o Papa Francisco, sim, ele mesmo. **O que nos diria?**

“Neste gracioso cântico, Francisco de Assis recordava-nos que a nossa casa comum se pode comparar ora a uma irmã, com quem partilhamos a existência, ora a uma boa mãe, que nos acolhe nos seus braços: ‘Louvado sejas, meu Senhor, pela nossa irmã, a mãe terra, que nos sustenta e governa e produz variados frutos com flores coloridas e verduras’. Esta irmã clama contra o mal que lhe provocamos **por causa do uso irresponsável e do abuso dos bens** que Deus nela colocou. Crescemos a pensar que éramos seus proprietários e dominadores, autorizados a saqueá-la. A violência, que está no coração humano ferido pelo pecado, vislumbra-se nos sintomas de doença que notamos no solo, na água, no ar e nos seres vivos. Por isso, entre os pobres mais abandonados e maltratados, conta-se a nossa terra oprimida e devastada, que ‘geme e sofre as dores do parto’ (Rm 8, 22). Esquecemo-nos de que nós mesmos somos terra



(cf. Gn 2, 7). O nosso corpo é constituído pelos elementos do planeta; o seu ar permite-nos respirar, e a sua água vivifica-nos e restaura-nos”.

E antecipando caraminholas que possam estar se formando em suas brilhantes e ansiosas cabeças, Francisco relembra que na encíclica *Pacem in terris*, publicada há mais de cinquenta anos atrás, “quando o mundo estava oscilando sobre o fio de uma crise nuclear, o Santo Papa João XXIII dirigiu a sua mensagem *não só* ao mundo católico, mas a todas as pessoas de boa vontade” e afirma: “...**agora**, à vista da deterioração global do ambiente, quero dirigir-me a cada pessoa que habita neste planeta (...). Nesta encíclica *Laudato si: sobre o cuidado da casa comum*, pretendo especialmente entrar em diálogo **com todos**”. Convidamos, então, todos os dombarretanos, de todas as crenças e de todas as matrizes religiosas, a pensar nesta XL Gincana Cultural “Teresina, meu amor” como podemos nós cuidar da nossa **casa comum**.

O Papa Francisco então retoma nesta encíclica um escrito pelo João Paulo II, que “...já nos havia advertido, a nós, seres humanos, a nos darmos conta de outros significados do ambiente natural para além daqueles que servem somente para os fins de um uso ou consumo imediatos” e então convida para uma “conversão ecológica global”, mesmo considerando o quão pouco os seres humanos têm se empenhado em salvaguardar uma “autêntica ecologia humana”, **mas o que isso exatamente quer dizer?**

Toda a pretensão de cuidar e melhorar o mundo requer mudanças profundas “nos estilos de vida, nos modelos de produção e de consumo, nas estruturas consolidadas de poder, que hoje regem as sociedades”. O progresso humano autêntico possui um carácter moral e pressupõe o pleno respeito pela pessoa humana, mas deve prestar atenção também ao mundo natural e “ter em conta a natureza de cada ser e as ligações mútuas entre todos, num sistema ordenado” (Carta enc. *Redemptor hominis*, João Paulo II - 4 de Março de 1979)



No próximo passo da apresentação da sua [Laudato si: sobre o cuidado da casa comum](#), o Papa Francisco, em um gesto de ecumenismo e de acolhimento, tão seus, cita o Patriarca de Constantinopla e o papa Bento XVI destacando suas importantes reflexões sobre este tema. E termina a apresentação da sua carta citando amorosamente, mais uma vez, Francisco de Assis. Vejamos:

“Não quero prosseguir esta encíclica sem invocar um modelo belo e motivador. Tomei o seu nome por guia e inspiração, no momento da minha eleição para Bispo de Roma. **Acho que Francisco é o exemplo por excelência do cuidado pelo que é frágil e por uma ecologia integral, vivida com alegria e autenticidade.** É o santo padroeiro de todos os que estudam e trabalham no campo da ecologia, **amado também por muitos que não são cristãos.** Manifestou uma atenção particular pela criação de Deus e pelos mais pobres e abandonados. Amava e era amado pela sua alegria, por sua **dedicação generosa, e por seu coração universal.** Que Francisco de Assis seja o nosso guia e nossa inspiração. O menino de Assis vivia com simplicidade e numa maravilhosa harmonia com Deus, com os outros, com a natureza e consigo mesmo”, diz o outro Francisco. “Nele se nota até que ponto **são inseparáveis a preocupação pela natureza, a justiça para com os pobres, o empenhamento na sociedade e a paz interior**”.

E complementa:

“Se nos aproximarmos da natureza e do meio ambiente sem esta abertura para a admiração e o encanto, se deixarmos de falar a língua da fraternidade e da beleza na nossa relação com o mundo, então as nossas atitudes serão as do dominador, do consumidor ou de um mero explorador dos recursos naturais, incapaz de pôr um limite aos seus interesses imediatos. **Pelo contrário, se nos sentirmos intimamente unidos a tudo o que existe, então brotarão de modo espontâneo a sobriedade e a solicitude. A pobreza e a austeridade de São**



Francisco não eram simplesmente um ascetismo exterior, mas algo de mais radical: uma renúncia a fazer da realidade um mero objeto de uso e domínio”.

Esta dobradinha de Franciscos, com certeza, vai dar o que falar, o que cantar, o que dançar, o que propor, o que mudar indissociavelmente no micro e no macro dos nossos universos pessoais, locais e globais. Mas, pensam que paramos por aqui? Imagine.

Pensar micropolíticas para o cotidiano, ampliá-las no debate de ideias e na convivência amorosa com as diferenças que nos constituem e nos atravessam enquanto enfrentamos a crise climática e as muitas outras questões que informam nossas relações interpessoais e seus desdobramentos no meio ambiente, **nos colocará inteiros nos desafios locais e planetários. É preciso amar a si e ao outro para enxergar e cuidar da casa, da cidade e do planeta.** É preciso aprender e viver em redes feitas de diferentes e diferenças, como as árvores que se comunicam e se socorrem subterraneamente sem alardes, mas com tanta eficiência e beleza.

Pode entrar, então, Ailton Krenak, líder indígena, poeta e escritor, ambientalista e filósofo. Em 2020 ganhou o prêmio Juca Pato de Intelectual do Ano, da UBE (União Brasileira de Escritores). Em *“Ideias para adiar o fim do mundo”*, *“O amanhã não está à venda”* e *“A vida não é útil”*, problematiza a ligação humanos e natureza, discutindo entre outras coisas o consumismo desenfreado e a noção hegemônica de *“civilização”*. Tão Franciscos este Krenak.

Que venham também Davi Kopenawa, Daniel Munduruku e Eliane Potiguar, Célia Xakriabá, e quem mais chegar...

Kopenawa é xamã, escritor e líder político – no sentido clássico -, dos Yanomamis. Em *“A queda do céu”* sua autobiografia, denuncia a destruição da





floresta amazônica, a dizimação de parte do seu povo por doenças endógenas como a gripe e o sarampo, a devastação provocada por garimpeiros ilegais. Por seu incansável trabalho em defesa do seu povo, recebeu diversos prêmios, incluindo a Global 500 da ONU em 1989, e em 2019, o prêmio Right Livelihood. Por seus muitos saberes, foi em 2020, eleito membro colaborador da Academia Brasileira de Ciências.

Célia Xakriabá, professora ativista indígena é uma voz em defesa dos direitos e da cultura do povo Xakriabá. Com mestrado em Desenvolvimento Sustentável pela Universidade de Brasília e doutorado em Antropologia pela Universidade Federal de Minas Gerais, ela advoga pela integração das **culturas indígenas no sistema educacional, pela preservação das línguas ameaçadas e pela demarcação das terras indígenas**. No estúdio em sua aldeia, ela co apresenta o podcast "Papo de Parente" com o influenciador digital Tukumã Pataxó. **Escutem.**

Renata Tupinambá é jornalista, produtora, poeta, curadora, consultora, roteirista e artista visual. Há mais de 15 anos, **ela tem se dedicado à difusão das culturas indígenas através de projetos de etnocomunicação. Também é membro do projeto “Levanta Zabelê” e cofundadora da Rádio Yandê**. Além disso, é fundadora da **produtora indígena Originárias Produções** e criadora do Podcast **Originárias**, que apresenta entrevistas com artistas e músicos indígenas.

Então, queridos dombarretanos, leiam, escutem, vejam e digam, mas sobretudo vivam porque a palavra tem o poder de nos fazer ver além de nós mesmos, de nos fazer falar para defender o que acreditamos radical e amorosamente, de nos fazer ser mudança e proteção: de nos constituir. Como diz Adélia Prado, “Deus se inscreve em mim e o seu Reino é agora, é aqui”. E





porque ouviu/leu São Francisco de Assis, com certeza sabe que “é na vida assombrosamente comum que encontramos a presença de Deus”.

E como “**não existem coincidências para quem presta atenção**”, a ecologia, aqui proposta como um desafio, nunca mais será uma visão externa aos seres humanos, mas encontrar Deus no miúdo da vida diária: em casa, na escola, no trabalho, na cidade, no planeta Terra e nas pessoas muito diferentes que nele habitam.

Para este enorme desafio, uma boa trilha é mais que fundamental. Baixem aí no *Spotify* os álbuns “*Txai*” de Milton Nascimento, “*Passarim*” de Tom Jobim, “*Cantoria 1 e 2*” de Elomar, Vital Farias, Xangai e Geraldo Azevedo, só para começar a esquentar os tamborins.

Por fim, gostaríamos de propor que esta edição da Gincana Cultural “Teresina, meu amor”, seja especialmente dedicada ao Professor Marcílio Rangel que faria, no dia 17 de agosto deste ano, 69 anos. Marcílio viveu sua fé com compromisso e entusiasmo franciscanos, uma devoção tão cotidiana quanto radical. Amava doce e radicalmente os pequenos, os pobres, a vida e a Deus, que com Francisco aprendeu a ver também na natureza. Como o “seu” Francisco de Assis, era entrega e compromisso. Morreu como viveu, às duas da matina, numa cama cheia de livros, cadernos e canetinhas: estudando. Afinal, não é isso que constitui um professor?

Naquele dia, procurando nas palavras consolo, adaptei o poema “O Haver”, de Vinícius de Moraes, pensando no que dele restaria:

“Resta, acima de tudo, aquela capacidade de ternura

Aquela intimidade perfeita com o silêncio

Resta aquela voz íntima pedindo perdão por tudo





*Resta aquela economia de gestos,
Aquele gagueira infantil de quem quer exprimir o inexprimível.
Resta aquela irredutível recusa à poesia não vivida.
Resta aquele coração queimando como um círio...
Resta aquela vontade de chorar diante da beleza,
Aquele cólera em face da injustiça e do mal-entendido.
Resta aquele sentimento de infância subitamente desentranhado
De pequenos absurdos.
Resta a capacidade de rir à toa,
E aquela coragem para comprometer-se sem necessidade.
Resta aquela disponibilidade
E aquela vontade de servir,
A contemporaneidade com o amanhã dos que não tiveram ontem nem hoje.
Resta aquela faculdade incoercível de sonhar
De transfigurar a realidade, dentro daquela incapacidade
De aceitá-la tal como é, e aquela visão
Ampla dos acontecimentos
E aquela pequenina luz indecifrável
A que às vezes os poetas dão o nome de esperança.
Resta o desejo de sentir-se igual a todos
Resta aquele constante esforço para caminhar dentro do labirinto
Aquele eterno levantar-se depois de cada queda
Aquele busca de equilíbrio no fio da navalha
Aquele terrível coragem diante do grande medo, e aquele medo
Infantil de ter pequenas coragens.
Resta aquela pobreza intrínseca, aquela vaidade
De não querer ser príncipe, senão do seu reino.”*

